

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade do Estado do Mato Grosso  
Cáceres - Mato Grosso - Brasil

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 39, nº 1 (Jan/Dez) 2023  
ISSN: 2178-7476



## MEMORIAL DE FORMAÇÃO DOCENTE COMO DISPOSITIVO METODOLÓGICO DE APRENDIZAGEM NARRATIVA NO ENSINO SUPERIOR

### TEACHER TRAINING MEMORIAL AS A METHODOLOGICAL DEVICE FOR NARRATIVE LEARNING IN HIGHER EDUCATION

### MEMORIAL DE FORMACIÓN DOCENTE COMO DISPOSITIVO METODOLÓGICO PARA EL APRENDIZAJE NARRATIVO EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

**Joelson de Sousa Morais**

Doutor em Educação pela UNICAMP.

Professor Adjunto do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) /Campus  
Codó, MA, Brasil.

E-mail: joelson.morais@ufma.br

ORCID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-1893-1316](https://orcid.org/0000-0003-1893-1316)

**RESUMO:** Este artigo de abordagem qualitativa tecida como uma pesquisa narrativa (auto)biográfica foi desenvolvida utilizando como dispositivos metodológicos: memoriais de formação, de três estudantes do curso de Pedagogia e um professor formador, de uma instituição da rede privada de ensino superior da cidade Caxias-MA. O objetivo é: compreender as implicações dos *Memoriais de Formação* na construção de conhecimentos na formação inicial docente. Como resultados vale ressaltar que o *Memorial de Formação* sinaliza como um potencial dispositivo disparador de histórias, memórias, aprendizagens e formação que resgatam o lado pessoal, acadêmico e formativo do sujeito em vários níveis de conhecimento de si, dos contextos e das pessoas que o cercam, possibilitando processos pedagógicos, reflexivos e emancipatórios. Ainda como conclusões a pesquisa sinalizou que o memorial de formação permitiu: a) compreender como se davam os processos de construção do conhecimento do(a) acadêmico(a) no processo formativo; b) identificar por meio de quais lógicas os(as) mesmos(as) conseguiram aprender; c) saber quais os contextos formativos foram sendo trilhados pelos sujeitos em suas vivências e experiências tecidas com diferentes pessoas em diferentes espaços/tempos; e, d) conhecer suas histórias de vida, e o que permitiram a escolha do curso de Pedagogia como vida e profissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** memorial de formação, aprendizagem narrativa, ensino superior, curso de pedagogia.

**ABSTRACT:** Abstract: This article with a qualitative approach woven as an (auto)biographical narrative research was developed using as methodological devices: training memorials, from three Pedagogy students and a teacher trainer, from an institution in the city's private higher education network Caxias-MA. The objectives are: to understand the implications of Training Memories in the construction of knowledge in initial teacher training. As a result, it is worth highlighting that the Training Memorial signals as a potential device that triggers stories, memories, learning and training that rescue the personal, academic and formative side of the subject at various levels of knowledge of themselves, the contexts and the people around them, enabling pedagogical, reflective and emancipatory processes. The research conclusions also showed that the training memorial

allowed: a) understanding how the academic knowledge construction processes took place in the training process; b) identify through which logics we can learn; c) know which training contexts were followed by the subjects in their experiences and experiences woven with different people in different spaces/times; and, d) know their life stories, and what allowed them to choose the Pedagogy course as their life and profession.

**KEYWORDS:** training memorial, narrative learning, higher education, pedagogy course.

**RESUMEN:** Este artículo, de enfoque cualitativo, tejido como una investigación narrativa (auto)biográfica, fue desarrollado utilizando como dispositivos metodológicos: memorias de formación, de tres estudiantes de Pedagogía y de un formador de docentes, de una institución de la red privada de educación superior de la ciudad de Caxias-MA. Lo objetivo é: comprender las implicaciones de las Memorias de Formación en la construcción de conocimientos en la formación inicial docente. Como resultado, cabe resaltar que el Memorial de Formación se señala como un potencial dispositivo desencadenante de relatos, memorias, aprendizajes y formación que rescatan el lado personal, académico y formativo del sujeto en diversos niveles de conocimiento de sí mismo, de los contextos y de la realidad personas de su entorno, posibilitando procesos pedagógicos, reflexivos y emancipadores. Las conclusiones de la investigación también mostraron que el memorial de formación permitió: a) comprender cómo ocurrieron los procesos de construcción del conocimiento académico en el proceso de formación; b) identificar a través de qué lógicas podemos aprender; c) conocer qué contextos de formación fueron seguidos por los sujetos en sus vivencias y experiencias tejidas con diferentes personas en diferentes espacios/tiempos; y, d) conocer sus historias de vida, y lo que les permitió elegir la carrera de Pedagogía como su vida y profesión.

**PALABRAS CLAVE:** memorial de formación, aprendizaje narrativo, educación superior, curso de pedagogía.

## Palavras iniciais

Um mergulho em si, tecido por reflexões narrativas na tomada de consciência dos percursos trilhados na vida, experiência vivida e formação existencial que transformam, guiam projetos e emancipam: assim compõe-se a construção de um memorial de formação pelo sujeito.

A finalidade de um memorial de formação é fazer com a pessoa que narra suas trajetórias acadêmicas, pessoais e formativas possa se ver diante do que experienciou, extraindo lições e aprendizados pelo fio da memória, através do processo de invocar o que mais lhe tocou e significou para si, como marcas que o(a) acompanham em sua existência. Nesse sentido, “[...] Uma das grandes apostas do memorial de formação é a de que a pessoa que narra se aproprie da escrita acadêmica para compreender seu percurso individual no seio de trajetórias memoráveis, valorizadas na e pela academia” (Passeggi, 2023, p. 10).

Por isso, tenho proposto o uso do memorial de formação na escrita acadêmica no processo de formação de professores(as), tendo em vista que o sujeito passa a refletir sobre os itinerários de vida e formação pelos quais passou, atribuindo sentido e significado para si, em diálogo com tantos(as) outros(as) e no meio circundante. Processo esse que se dá mediatizado pelos percursos trilhados pelo sujeito, que passa a construir novas e diferentes aprendizagens, conhecimentos e formação, em constante movimento ao longo de sua vida.

O presente texto, é fruto de uma pesquisa qualitativa de abordagem narrativa (auto)biográfica em educação, que foi realizada com três acadêmicos(as) do curso de Licenciatura em Pedagogia e

um professor formador, de uma instituição da rede privada de ensino superior de Caxias-MA, entre os anos de 2017 e 2018, no qual atuei como professor formador de professores(as). Nesse sentido, as discussões neste texto se ancoram teórica, metodológica e epistemologicamente com autores(as) no campo das narrativas (auto)biográficas em educação com: Josso (2010), Pineau (2010), Goodson (2019), Bragança (2012; 2018; 2023) Câmara; Passeggi (2013), Passeggi (2023), Zabalza (2004), entre outros(as).

A ideia de propor a construção de um *Memorial de Formação*, aos(as) licenciandos(as), surgiu por descobrir o potencial desse gênero acadêmico que traz um crucial aspecto no processo de formação acadêmica e profissional do sujeito, além de se configurar com outra lógica de avaliação que se somava, naquele momento, a outros dispositivos metodológicos instituídos oficialmente pela instituição educacional na qual eu estava atuando, no caso da prova escrita, por exemplo, e que através do *Memorial*, acreditei que trazia um contraponto a uma forma de avaliação apenas para cumprimento de uma lógica verticalizante e que, talvez, não daria possibilidades de eu compreender os processos de construção do saber, aprendizagem e conhecimento tecidos pelos próprios sujeitos em sua trajetória formativa. O que, por outro lado, me permitiu aprender com maior profundidade os processos formativos, reflexivos e de aprendizagem por meio do *Memorial de Formação*.

Tanto quanto fizeram Erbs e Abrahão (2012, p. 199) utilizando os *Memoriais de Formação* no seminário de Pesquisa-Formação também com estudantes de pedagogia, intencionei com este dispositivo, com a perspectiva de que “[...] a análise é feita não só com o objetivo de registrá-lo como parte da avaliação da disciplina, mas principalmente como material de pesquisa que possibilita o conhecimento e a compreensão das histórias de vida dos alunos”. Razão pela qual propus este aos(às) licenciandos(as) para construírem e desenvolverem como dispositivo que possibilitassem a mim como formador de professores(as), avaliar os percursos formativos ao longo dos itinerários trilhados por eles(elas), e ao mesmo tempo como dispositivo heurístico de formação, reflexão e compreensão de sua realidade e deles(as) próprios(as) numa perspectiva subjetiva e pessoal.

Assim, o *Memorial de Formação*, acabou trazendo o olhar de si, tecido em narrativas pelo(a) próprio(a) acadêmico(a), que imprimia suas características, subjetividade e sua singularidade, nos fios e tramas do si perceber e revelar-se por meio da escrita narrativa, ajudando-os(as) a si perceberem nesse processo, e, possivelmente, através deste gênero acadêmico, permitir transformações plausíveis no contexto de sua formação pessoal, acadêmica e profissional. E para mim, como formador de professores(as), sinalizou outras pistas de compreender e refletir acerca das implicações que os próprios sujeitos tinham em sua formação, e revelavam isso nos seus memoriais, me trazendo outras percepções e entendimentos, a partir do que o sujeito narrava, significando, assim, uma autoformação.

Entendo que o *Memorial de Formação*, traz as reminiscências das memórias narrativas das pessoas, fazendo-as pensarem sobre si, ao ter que falar de si, em um processo formativo que acompanha cada sujeito desde o processo de escolarização, mediado por vivências e múltiplas outras

---

experiências que tiveram ao longo de suas vidas, e que permitiram a tessitura de suas escolhas do curso que estão realizando, bem como delimitação de sua área profissional da docência como vida e profissão, repercutindo, significativamente, no aprender e posteriormente ensinar, sobretudo, quando estiverem atuando profissionalmente.

Nesse sentido, reflito que “[...] através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o em ordem (tanto no tempo como no espaço), conferindo-lhe sentido” (Candau, 2012, p. 61).

O *Memorial de Formação* pode ser concebido a partir de três finalidades e objetivos, tanto quanto se configura o diário narrativo, porém, com especificidades, reflexões e discussões outras. Assim, compreendo seus usos e funcionalidades na perspectiva de Zabalza (2004), como: a) *dispositivo metodológico de ensino*, que sempre desenvolvo nas aulas como formador de professores(as), no qual faço a proposição para os(as) licenciandos(as) sempre no início de cada semestre letivo para utilizá-lo, configurando-se como um dispositivo de avaliação das disciplinas em que ministro; b) *dispositivo metodológico de pesquisa*, no qual é produzido pelos sujeitos participantes das pesquisas que realizo para registrar seus percursos de aprendizagem, formação e no plano da experiência; e, c) *dispositivo metodológico de desenvolvimento profissional*, para professores(as), formadores(as) e pesquisadores(as) que estão pesquisando e/ou atuando profissionalmente, no sentido de registrar suas experiências cotidianas na tessitura de saberes e fazeres profissionais.

Nesse texto proponho como questão norteadora: Quais as implicações dos *memoriais de formação* como dispositivo metodológico avaliativo no desenvolvimento da aprendizagem narrativa e na construção de conhecimentos de licenciandos(as) do Ensino Superior?

Mediante o exposto, convém trazer a compreensão de aprendizagem narrativa, que se propõe a esse texto. Em *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*, Goodson (2019, p. 282) enfatiza que a aprendizagem narrativa é aquela que está “[...] presente na elaboração e manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade”. O que tem íntima relação com a proposta desse texto, que se tece como uma aprendizagem narrativa no memorial de formação docente, pelos sujeitos que o construíram e aqui apresentados.

Os objetivos do artigo são: compreender as implicações dos *Memoriais de Formação* na construção de conhecimentos na formação inicial docente; bem como refletir acerca das contribuições dos *memoriais* como dispositivo de aprendizagem narrativa e avaliação discente no curso de Pedagogia.

No que se refere à avaliação da aprendizagem, o *Memorial de Formação* se configura como um dispositivo metodológico avaliativo, que capta no sujeito sua história de vida, suas experiências e vivências realizadas ao longo do tempo, por onde transitou e com diferentes pessoas, além de ser tornar um dispositivo de autoformação mediando a reflexividade crítica por meio de suas representações, aprendizagens, entendimentos, dúvidas e (in)compreensões acerca de um assunto,

---

tema, ideia ou discussão realizada, ou vivenciada pelo sujeito em algum momento de sua formação, e que, por inúmeras razões, não consegue expressar seu pensamento por meio de outra linguagem, a não ser pela escrita narrativa e muitas vezes na tessitura de uma escrita (auto)biográfica.

Diante desse contexto, depreendo que os sujeitos, ao narrarem seus percursos trilhados, tomando suas aprendizagens e reflexões tecidas, passam por um processo de autoformação, que corresponde “[...] a uma dupla apropriação do poder de formação; é tomar em mãos esse poder – tornar-se sujeito –, mas é também aplicá-lo a si mesmo: tornar-se objeto de formação para si mesmo” (Pineau, 2010, p. 103).

O texto se organiza trazendo na seção a seguir uma descrição metodológica da pesquisa; na segunda parte discute alguns aspectos históricos, bem como acerca das contribuições e finalidades do memorial de formação; na terceira traz as narrativas minha como professor formador e dos(as) licenciados(as) de pedagogia produzidas em memoriais de formação; e na quarta e última parte reflete com algumas considerações e lições que ficaram da pesquisa.

### **Os percursos trilhados na abordagem narrativa de *pesquisaformação*<sup>1</sup>**

Este artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem narrativa (auto)biográfica, que foi desenvolvida com três licenciandos(as) do curso de Pedagogia e um professor formador de uma instituição da rede privada de ensino superior na cidade de Caxias-MA, nos anos de 2017 e 2018 e que foram utilizados como dispositivos metodológicos de pesquisa: o *Memorial de Formação* e minha participação no cotidiano da formação docente como professor formador.

Neste trabalho, são apresentados e refletidos acerca de apenas algumas narrativas dos *memoriais de formação*, dos(as) participantes da pesquisa, referente às turmas do 1º e 6º períodos do respectivo curso.

Desse modo, o perfil dos(as) participantes da pesquisa, estão num recorte de idades entre 19 a 24 anos, em que duas são do sexo feminino: sendo uma do 1º período e outra do 6º, e um do sexo masculino: do 6º período.

O *Memorial de Formação*, foi produzido durante as disciplinas: *Introdução às Ciências da Educação*, do 1º período, e *Escola e Currículo*, do 6º período do curso, que ministrei aos(as) licenciandos(as) do curso de Pedagogia, como anteriormente pontuado. E foram elaborados tantos pelos(as) acadêmicos(as), como por mim, como professor-formador-pesquisador, com uma escrita narrativa fruto dos encontros presenciais realizados na instituição.

O processo de produção e partilha das escritas narrativas no processo formativo docente

---

<sup>1</sup> O uso do termo *pesquisaformação* é uma escolha política, teórica, metodológica e epistemológica na qual preconiza um modo de escrita outra que usa a junção de duas ou mais palavras no sentido de produzir outros significados, ultrapassando o modelo positivista de construção de conhecimento científico. Nesse sentido me fundamento em Inês Bragança (2018) que usou inicialmente esse termo no contexto de um texto publicado em uma obra do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – CIPA, e também tenho inspiração nos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares, na qual tem Nilda Alves (2003) a fundadora dessa corrente de pesquisas no Brasil que surgiu na década de 1980, e que usa a escrita com esse sentido que adoto nesse texto.

---

acontecia da seguinte forma: os(as) licenciados(as) escreviam narrativamente suas experiências de formação ao longo das aulas, liam seus registros do memorial e eu fazia o mesmo, possibilitando momentos de discussão e reflexões do narrado acerca dos percursos trilhados durante o processo de *pesquisaformação*.

A produção do *Memorial de Formação*, foi uma proposta metodológica e avaliativa que fiz no início das aulas e depois foi se consolidando ao longo do semestre letivo como dispositivo de *pesquisaformação* para mim como professor-formador-narrador e pesquisador, aconteceu por uma roda de conversa no começo do semestre letivo, onde expus o que era esse gênero, quais suas finalidades e objetivos, e iniciei a construção do meu *Memorial de formação*, para narrar aos(as) acadêmicos(as), para que compreendessem melhor esse gênero acadêmico, tomando como referência as discussões e reflexões tecidas por mim, e assim foram entendendo a sua construção, lançando-se a esse desafio que foi mediado em sua elaboração expondo questionamentos e dúvidas para saber como elaborar o seu.

Pedi para que cada estudante adquirisse um caderno específico para a construção de seu Memorial, e que deveriam conter somente as experiências deles(as) registradas por meio do que mais lhe implicavam em seus percursos trilhados, e que pudessem ficar à vontade quanto ao teor do que poderiam narrar, bem como criar outros tantos modos de apresentação, construção e linguagens presentes nos seus memoriais, tanto com imagens, quanto com desenhos, trechos de músicas, poesias/poemas, fotos, colagens, pinturas, etc.

A dinâmica dos encontros das aulas aconteceram de uma forma em que ao final de cada aula, destinava um tempo compreendido entre 15 a 20 minutos para que cada estudante narrasse a experiência que mais tinha sido marcante no dia do encontro, fruto do que se sentisse a vontade para narrar, e era sorteado(a) dois(duas) a três deles(as) para que narrassem pela leitura das escritas de si e do que experienciou, o que registrou em seu memorial, trazendo inúmeras reflexões para os(as) outros(as) colegas de turma e para mim como professor formador.

Assim, antes de finalizar as disciplinas que ministrei, recebi os *Memoriais de Formação* de cada estudante, que passei a fazer as leituras de cada um(a), e dei um *feedback* em forma de conversa, ou de narrativas escritas e mesmo mostrando para eles(as) o potencial de transformação e tomadas de consciência do que conseguiram despertar cada um(a) do que viveu e experienciou ao longo da disciplina, do curso e da *pesquisaformação*.

O princípio da pesquisa-formação<sup>2</sup> é a de que os sujeitos tecem um processo de formação em coletivo durante a pesquisa, entre participantes da pesquisa e pesquisadores(as), elaborando processos de reflexão, tomadas de consciência e transformações na construção de conhecimentos

---

2 Primo pelo uso do termo pesquisa-formação separado por hífen, como forma de valorizar o modo de escrita que deu origem a essa abordagem metodológica, na qual tem Marie-Christine Josso como uma das representantes desse movimento de pesquisas no mundo, nos inícios da década de 1980. Em algumas partes do texto usarei esse termo com essa forma de escrita, quando estiver trazendo Josso nas discussões, respeitando, assim, o modo de escrita com a qual produziu a pesquisadora. Em outras partes do texto uso o termo *pesquisaformação*, com essa forma de escrita, conforme o sentido que já assinalai, anteriormente.

---

e aprendizagens nas caminhadas trilhadas do processo (Josso, 2010). Nesse sentido, pesquisar e formar são dimensões indissociáveis, retroalimentando um processo de formação e autoformação que se dão continuamente em partilha, entre quem pesquisa e participa desse movimento formativo e transformador.

É válido salientar que a proposta da *pesquisiformação* surgiu nos inícios da década de 1980 idealizado pela corrente de *Histórias de vida e formação*, com os usos das escritas narrativas, (auto)biográficas e de histórias de vida na educação de adultos, que teve como idealizadores Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Matthias Finger e Gaston Pineau, na Universidade de Genebra, na Suíça, e na Universidade de Montreal, no Canadá (Josso, 2010).

Nesse texto, e a partir de minhas experiências no campo da pesquisa narrativa durante uma década que venho trilhando, primo pela fundamentação da pesquisa-formação, sobretudo, através de Marie-Christine Josso<sup>3</sup> (2010), uma Socióloga, Antropóloga e Doutora em Ciências da Educação, professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça), na qual suas obras trazem relevantes contribuições para a construção de uma teoria da formação, fundamentada na experiência existencial e na compreensão da pessoa como ser singular plural.

Assim, os postulados da pesquisa-formação partem do princípio de que, durante o processo de pesquisa o(a) próprio(a) pesquisador(a) experiencia transformações plausíveis no plano de si, mediado por reflexões e tomadas de consciência que o(a) levam a um contexto de autoformação e construção de saberes, práticas e conhecimentos de si, do processo formativo e das aprendizagens tecidas pelos sujeitos a partir dos percursos trilhados. Buscando elucidar em que consiste essa perspectiva, a autora ajuda a refletir que a pesquisa-formação é um processo “[...] na qual cada etapa da pesquisa é uma experiência a ser elaborada para que quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (Josso, 2010, p. 141).

Em uma pesquisa desenvolvida por Bragança (2012) acerca da pesquisa-formação que desenvolveu com professores(as) do Brasil e de Portugal, a autora defende o seu sentido e surgimento numa perspectiva histórica, ao afirmar que:

A pesquisa-formação tem sua origem na pesquisa-ação, já que busca um efetivo envolvimento dos pesquisadores na transformação individual e coletiva. Essa perspectiva encontra fundamentação na dialética histórica, no conceito de práxis, tal como proposto por Marx, que perspectiva uma filosofia que não apenas interprete o mundo, mas possa transformá-lo, por meio de uma relação de imbricação entre prática-teoria-prática (Bragança, 2012, p. 115).

---

3 Devo salientar que, infelizmente, Josso partiu dessa vida para outro plano existencial em 28/07/2022, deixando uma significativa contribuição e legado de vida, formação e conhecimentos com produções no campo da educação, da formação de adultos e, sobretudo, com pesquisas narrativas e (auto)biográficas no mundo. Sua obra influenciou profundamente a construção e o desenvolvimento da abordagem (auto)biográfica no Brasil, dos quais faço parte de seus ensinamentos me acompanhando sempre nas reflexões que situam a formação humana com as pesquisas nessa abordagem. Esse texto representa uma homenagem que presto a Josso, de forma a dar continuidade com outras tantas discussões na tessitura de uma filosofia reflexiva existencial primando pela abordagem narrativa e (auto)biográfica em educação, e por ter me influenciado com profundas e afetuosas contribuições em minha vida, na construção da escrita acadêmica-científica, no pensamento e na formação até hoje. Josso, presente!

---

Depreendo, portanto, que ao pesquisar o sujeito é levado constantemente no percurso por inúmeras reflexões do vivido e experienciado, em que, nesse processo, passa a dar sentido ao que fez e viveu, passando a se transformar, e conseqüentemente, levando-o a dimensões formadoras que lhe permitiu construir durante a trajetória que empreendeu no plano do estudo, da prática e da reflexão.

A pesquisa-formação, nesse sentido, remete a movimentos e deslocamentos que são suscitados durante os itinerários formativos e da pesquisa em que empreendem os(as) estudiosos(as) e pesquisadores(as) que tomam como princípio os postulados da abordagem narrativa e (auto) biográfica, como propus a fazer neste artigo e que vem me acompanhando em pesquisas no campo da educação. Assim:

O postulado da pesquisa-formação é, pois, de que a intensidade dessa experiência pode produzir conscientização como processo que não pode ser ensinado, mas que é vivido de maneira muito pessoal pelo sujeito: um movimento que leva à busca de transformação (Bragança, 2012, p. 115).

Não há, portanto, como dissociar a pesquisa do seu caráter formativo, pois, ao mesmo tempo em que estamos<sup>4</sup> pesquisando, estamos pensando e refletindo a todo o momento: 1) nos dispositivos metodológicos que vamos definindo e escolhendo em função da realização da pesquisa; 2) nos sujeitos que serão os participantes da pesquisa; 3) na construção durante o percurso, de aspectos de ordem conceitual, reflexiva e prática que vão nos fazendo (re)elaborar as discussões, articulação das ideias; e demais questões que conseguimos captar tanto numa perspectiva individual, quanto, e, sobretudo, coletivamente ao discutir com quem pesquisamos, ensinamos ou aprendemos no cotidiano de nossas experiências formadoras, possibilitando, ainda, a construção do conhecimento científico.

Reforço, assim, a potencialidade do *Memorial de Formação*, como dispositivo metodológico no processo de compreensão dos sujeitos e de mim mesmo como professor-pesquisador-narrador-formador, já que os(as) estudantes, passam a dizer de nós, de um modo como ainda não tínhamos pensado, muito menos no fato de ouvir falar no tocante a esse ponto, porque no plano da escrita se torna uma forma mais segura, tranquila e potente em que as pessoas criam coragem para dizer o que na linguagem verbal oral não conseguem expressar. Desse modo, cabe saliente o valor e legitimidade dado “[...] ao trabalho de compreensão, não apenas para questões de comodidade metodológica, mas para preservar uma epistemologia aberta que introduz o questionamento do questionador pelo questionado” (Josso, 2010, p. 166).

O uso dos nomes dos(as) participantes dessa pesquisa são reais e foram autorizados(as) pelos(as) mesmos(as) para fins de publicação. Adoto esse princípio de forma aos sujeitos se protagonizarem e dar legitimidade ao saber, fazer e a sua própria voz como sujeitos produtores(as) de conhecimentos, que revelam seus potenciais nas experiências narrativas.

---

<sup>4</sup> Uso a primeira pessoa do plural algumas vezes nesse texto, no sentido de me situar em coletivo com outras pessoas com as quais dialogamos e partilhamos experiências de vida e formação com as escritas narrativas e (auto)biográficas, como a proposta da construção do Memorial de formação, discutida nesse texto.



Vale ressaltar que a autorização para o uso das narrativas dos(as) participantes da pesquisa foram consentidas pelos(as) mesmos(as), através da assinatura de cada um(a) do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estando, portanto, respaldado nos princípios éticos da pesquisa científica.

A escolha de somente os(as) quatro participantes aqui trazidos neste estudo, se deu pelo nível de maior implicação que apresentaram suas narrativas nos seus respectivos *Memoriais de Formação*, e com o qual estou compreendendo esse gênero acadêmico na formação profissional do sujeito no Ensino Superior.

Dentre as leituras que fiz dos *Memoriais de Formação* dos(as) estudantes de Pedagogia das turmas que atuei como formador de professores(as), do 1º, e 6º períodos, esses(as) três sujeitos participantes da pesquisa, que são apresentados(as) neste trabalho, por meio de seus registros narrativos escritos, foram os(as) que trouxeram inúmeras outras tantas possibilidades de reflexão, pois abordaram, mais veementemente de si, do que entendiam, compreendiam ou não, das suas histórias de vida e formativas, e das críticas e reflexões que teceram ao longo da escrita narrativa em seu *memorial*. O que tem relação com a minha proposta neste trabalho, uma vez que se inscreve numa *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica “como fonte de pesquisa e formação em um entrelaçamento indissociável que aponta para uma determinada especificidade epistêmica e política” (Bragança, 2018, p. 74). Afinal de contas, a “[...] construção do memorial torna-se o momento de refletir sobre a própria trajetória, sobre as escolhas, sobre a construção da personalidade e da identidade de professor” (Erbs, Abrahão, 2012, p. 205).

E, embora os(as) estudantes em formação ainda não tenham passado para o lugar de docentes, também exprimem reflexões e expectativas do perfil de como seriam como professores(as), como desenvolveriam sua didática, sua relação com os(as) alunos(as), na organização do trabalho pedagógico e outros tantos aspectos que subsidiam o trabalho docente, e as preocupações que lhes afetam no processo formativo, e registrado no seu *Memorial de Formação*.

Passo agora, a discutir um pouco sobre os aspectos históricos do surgimento, princípios e finalidades de um memorial de formação e suas contribuições na formação de professores(as), nos quais me debruço a esse movimento elucidativo nas linhas a seguir.

### **A potência do *memorial de formação* como dispositivo de pesquisa-formação-avaliação**

Ao fazer um estudo histórico acerca da constituição do *Memorial de Formação* como gênero acadêmico no cenário brasileiro, de 1930 aos anos de 2000, o qual, na primeira data corresponde ao período inicial que marca a sua institucionalização nas universidades pesquisadas – que foi na Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Câmara e Passeggi (2013), assinalam que este passou por vários movimentos, trazendo num primeiro momento um teor mais

institucional para atender às normativas preconizadas pelas instituições de ensino superior<sup>5</sup>, seja como dispositivo para ascender a cargo de professor titular ou concursos públicos no magistério superior, como também, como dispositivo de avaliação nos cursos universitários, que trouxe um outro movimento de alargar os campos da subjetividade do sujeito, ou mais precisamente, nas palavras das autoras como um “dispositivo produtor de subjetividade”.

Segundo Câmara e Passeggi (2013, p.39), dentre as transformações desse gênero acadêmico na universidade, “é a partir dos anos de 1980 que o memorial surge no seio da universidade como escrita autobiográfica”, mais precisamente, com a escrita do memorial da professora Magda Soares, apresentado como requisito para cargo de professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais, na área da educação, produzido em 1981, configurando-se como um marco do ressurgimento do memorial acadêmico, constituído de uma profunda singularidade e marcas de subjetividade tecido pela docente, no contexto das universidades federais no Brasil.

Cabe elucidar, nessa reflexão a compreensão que tenho em se tratando da tessitura narrativa na escrita do *Memorial de Formação*, o qual subjaz a ideia de que:

[...] a escrita do *memorial de formação* ocorre num processo em andamento, a escrita se dá, portanto, num espaço-tempo quase simultâneo à vivência dos fatos que devem descrever, por essa razão, os *autores*, que se percebem na condição de alunos, revelam suas dificuldades para dar sentido a experiências ainda em curso (Câmara, Passeggi, 2013, p.36. Grifos das autoras).

Assim, o próprio sujeito vai registrando o que lhe parece importante em seu percurso formativo e experiencial, trazendo os acontecimentos que lhe trouxe um maior nível de implicação, afetação, lembranças e marcas, constituindo dimensões reflexivas de si, do que faz/fez e do mundo à sua volta.

Vale salientar que estou compreendendo como *memorial de formação* “[...] para designar os que são escritos durante o processo de formação inicial ou continuada, e concebido como trabalho de conclusão de curso no ensino superior, realizado, geralmente, em grupo e acompanhado por um professor orientador” (Câmara, Passeggi, 2013, p. 35).

A escrita narrativa em um *Memorial de Formação* no contexto das transformações que são impulsionadas na sociedade atual, traz uma possibilidade outra de formação e autoformação profissional do sujeito, evidenciando o potencial de aprendizagem e construção do conhecimento, como dimensões de reflexão, e, conseqüentemente, emancipação do sujeito.

De certo modo, o *Memorial de Formação* é um dispositivo privilegiado de descobertas, inventividade e (re)criação de si, do outro, das relações estabelecidas pelo sujeito e do mundo e experiências tecidas à sua volta. Implica enfatizar que “[...] A feitura do memorial recria experiências, sendo o seu próprio movimento um acontecimento” (Bragança, 2023, p. 10)

---

<sup>5</sup> Esse tipo de escrita do *Memorial de Formação* tinha uma característica narrativa mais burocrática, institucional e situando demasiadamente numa perspectiva acadêmica, fruto das experiências trilhadas pelo sujeito no campo formativo e profissional, não apresentando aspectos da vida pessoal, familiar e de outras dimensões que implicavam no seu processo de formação acadêmica.

---

Tanto é que, ao longo dos registros narrativos escritos que foram tecendo os(as) estudantes e professor formador participantes da pesquisa, iam se tornando uma tessitura que envolvia sentimentos, compreensões e representações de si, dos(as) colegas de turma, das experiências vivenciadas ao longo do curso, dos(as) professores(as) das disciplinas e de tantos outros movimentos e sujeitos que se tornavam mais afetuosos(as) e implicados(as) em sua memória e no plano de suas experiências, demonstrando, pelas suas próprias percepções, o que tinham conseguido aprender ou não, suas frustrações, como articulações discursivas e reflexivas com outros encontros, momentos e relações estabelecidas dentro e fora da academia, da sala de aula, e de outros mundos dos quais participavam. Com base nisso, recorro as relevantes contribuições da literatura no campo da narrativa (auto)biográfica, de que:

Por meio dessa escrita, o ator cria igualmente para si mesmo uma memória do modo como decidiu envolver-se na pesquisa-formação para a qual é convidado. Mune-se, então, de uma referência de observação sobre a evolução de seus interesses de conhecimento, mas, também, de um suporte que possibilita uma tomada de consciência da evolução da sua forma de nomeá-las (Josso, 2010, p. 177)

Trazer o gênero acadêmico do *Memorial de Formação* na academia, é, pois, uma forma de dá sentido às experiências formativas e vivências que cada indivíduo tece em seu cotidiano, a partir de suas respectivas singularidades e do que lhe apresenta como significativo em sua vida-experiência-formação. Trata-se, assim, de dá legitimidade ao saber produzido pelo sujeito, se transformando numa mola propulsora de mudanças em seu percurso formativo, por apresentar uma grande carga de subjetividade, e do que o(a) mesmo(a) pode trazer como contribuição no percurso trilhado pelo sujeito, em diferentes espaços/tempos do vivido, praticado e refletido e com os diferentes sujeitos com quem estabelece relações. Desse modo:

A trajetória, como construção humana, pessoal-coletiva, vai sendo tecida em um desenrolar de vivências e experiências, de “acontecimentos da biografia” – como processo cotidianamente tecido entre planejamentos, desejos e possibilidades de realização, marcando uma sequência e de “acontecimentos biográficos” que vêm como acidentes, como marcos, o não esperado que muda o rumo, instaurando novas etapas (Bragança, 2012, p. 192).

Em se tratando mais especificamente da proposta de um dispositivo metodológico com caráter avaliativo, acredito que o *Memorial de Formação* consegue fornecer elementos fundamentais e concretos para compreender os processos de apropriação, construção e desenvolvimento do conhecimento que o sujeito se defronta e tece em sua narrativa (auto)biográfica na escrita do *memorial* em primeira pessoa.

Assim, não se trata apenas de um dispositivo de avaliação, mas o *Memorial de Formação* ultrapassa essa perspectiva, se tornando mesmo um dispositivo de reflexão, compreensão e entendimentos outros, fundamentais na formação e articulações com os vários níveis de subjetividade, e por meio dos processos que fazem as pessoas a refletirem num futuro bem próximo, ao se

---

encaminharem para o desenvolvimento profissional, gerando possibilidades transformadoras e emancipatórias quando os sujeitos conseguem se ver nos seus escritos e refletir acerca do narrado.

Aspectos esses que se efeturaram de forma potencialmente significativa com os(as) estudantes de Pedagogia, participantes deste estudo, e que apresento a seguir algumas de suas narrativas de cunho reflexivas, com trechos escolhidos de seus memoriais para partilhar nesse texto.

### **Aprendizagens narrativas reveladas em memoriais de formação docente**

Os *Memoriais de Formação* elaborados por mim e pelos(as) estudantes do curso de Pedagogia, trouxeram inúmeras características e modos de perceber suas(minhas) representações, conhecimentos, saberes e dúvidas, entre outras dimensões identificadas em suas escritas. Alguns aspectos que resalto são que, os *memorias de formação*:

a) foram nominados por: diário narrativo, memorial de formação, diário de bordo, diário de aulas; e, caracterizados com inúmeras imagens, desenhos, pinturas, textos, frases, colagens, de formas criativas, coloridas e animadas;

b) Quanto à escrita, foi possível perceber as dificuldades de alguns(algumas) estudantes ao narrarem sobre si e de seus entendimentos acerca das aulas e demais atividades propostas ao longo do semestre, enquanto, outros(as) tiveram facilidades para narrarem o que vivenciaram;

c) as escritas narrativas dos(as) participantes expressavam lembranças, memórias, concepções, críticas e elogios sobre o que fizeram ou estavam vivenciando, bem como falava do/a professor/a, dos(as) colegas de turma, de outros contextos de aprendizagem para além da instituição de formação inicial, etc., e evocavam sobre a influência da família nas suas escolhas de vida, formativas, acadêmicas e profissionais.

d) ao narrar os acontecimentos que vivenciaram ou experienciaram ao longo de suas vidas, apresentaram suas memórias e teciam uma dimensão de reflexão, crítica e análise da conjuntura política, social, econômica e cultural com a qual enfrentaram no tempo em que tiveram se defrontado com os acontecimentos cotidianos. Entre outras inúmeras características.

A dinamicidade e o hibridismo de experiências narradas nos *Memoriais de Formação* tecidos pelos(as) participantes da pesquisa, permitiram criar um outro modo de perceber os fenômenos educativos, compreendendo, inclusive, a grandeza de avaliar suas aprendizagens, seus percursos e processos formativos, de um modo mais concreto, já que eles(elas) mesmos(as) evidenciavam isso em seus registros, me dando pistas diversas a partir do seu olhar.

Um aspecto que elucida compreensões e interpretações desse processo de aprendizagem e construção de conhecimentos na formação inicial docente, nessa direção e em consonância com o que falei acima, pode ser retratado a partir do registro que fiz no meu memorial de formação diante das atividades que eu estava realizando no 6º período do curso de Pedagogia, na disciplina

*Escola e Currículo.* Experiência essa oriunda da atividade de construção de um acróstico que foi elaborada por diferentes grupos de acadêmicos(as), nas quais propus essa divisão à turma, com os usos das palavras: currículo, conhecimento, conteúdos, experiência, educação, pedagogia, escola, transformação, cidadania e formação. Após a atividade e fruto de minhas reflexões, na ocasião narrei no meu memorial o seguinte:

Vi e me senti feliz pelo empenho dos(as) acadêmicos(as) e mais ainda por materializarem seus aprendizados e experiências através da atividade, o que nos faz superar os limites e possibilidades que ainda podemos trilhar e desbravar no arquipélago de saberes que povoam a educação, a pedagogia e mais precisamente a vida.

Me encanta e me traz um conforto ao notar a criatividade dos(as) licenciandos(as) que se debruçam com outros modos de narrar e viver o conhecimento e o que nos circunda em nosso meio societal (Narrativa do Memorial do professor formador, 23/02/2017).

O momento de narrar as experiências vividas no memorial de formação, significaram para mim um processo fundamental também de construção de conhecimentos, autoformação e aprendizados intensivos e valorosos. Deu outro vigor e vitalidade ao processo formativo, em que me pus a colocar na condição de aprendiz, simultaneamente ao de formador. Por outro lado, provoqueei nessa atividade de construção do memorial, um modo para fazer com que cada um(a) escrevesse sobre si, o que estava aprendendo, como estava se formando, e que pelas escritas narrativas, o sujeito passou a praticar um distanciamento ao ler seus escritos depois, significando a construção de reflexões potentes, se sensibilizando, expondo seus sentimentos, tecendo novas e diversas outras aprendizagens, conhecimentos e formação permanente.

É bem um processo de dar a ver ao outro e para si mesmo, o poder de formação, tomada de consciência e transformação pelas escritas de si, em processos de interpretação que faz o sujeito das histórias narradas. Passeggi (2023) faz uma relevante reflexão nessa direção, quando traz a metáfora utilizada por Josso (2010) sobre o animador (formador) e do artista/pesquisador (a pessoa em formação). Conforme pontua a autora e que se relaciona com a discussão feita acima, “[...] O Animador se transforma então em Balseiro, que assume a delicada tarefa de ajudar a quem escreve a se distanciar cada vez mais da história contada para se interrogar sobre aprendizagens e lições tiradas da experiência vivida e narrada” (Passeggi, 2023, p. 10).

O lado pessoal, figurava como experiências narrativas que ecoavam nos seus escritos de forma muito implicada. Uma das acadêmicas, chegou a enfatizar a importância de sua família no que se refere a continuidade de seus estudos no curso superior. Assim se posicionou:

[...] muitas vezes pensei em não prosseguir com os estudos, porque pensava que não conseguia mais me adaptar após 4 anos parada. Mas como não pensei só em mim, pensei na pessoa mais importante na minha vida que é minha filha.... Consegui voltar a estudar e depois de ouvir o professor confesso que me ajudou muito a continuar e pensar que não quero ser apenas uma pedagoga igual as outras e sim me superar todos os dias (Narrativa do Memorial de Andréia, 6º Período, 08/02/2017).

A ideia de uma responsabilidade subjaz na discussão elucidada acima da acadêmica Andréia, do 6º período, uma vez que entendo como uma questão de prioridade concluir um curso superior, para, inclusive, contribuir no processo de educação e formação da sua filha, e no sentido de ter outras compreensões, entendimentos e conhecimentos da educação e do que dela é proveniente na formação humana do sujeito.

O registro da experiência da estudante acima, mostra não apenas narrativas que tratam de dimensões conceituais, de conteúdos e de conhecimentos científicos, mas extrapola essa perspectiva, trazendo seus contextos de vida, já que são experiências que estão enraizadas com a escolha de sua profissão e as buscas que faz na constituição de um campo profissional que subsidiará a sua vida futura. Tanto é, que falou esses aspectos em outros registros do seu memorial, reforçou isso em outros relatos orais pessoalmente que teciam comigo e que traz algumas de suas experiências na narrativa expressa acima.

Nesse sentido, os *Memoriais de Formação*, conforme elucidada Zabalza (2004, p. 24), “aparece como recurso privilegiado para refletir como cada aluno vai construindo seu conhecimento disciplinar, tanto em sua dimensão conceitual como no que se refere à dimensão atitudinal”.

Assim, as pessoas narram o que entendem ou não, mas, sobretudo, dão relevância às suas práticas, saberes, vivências e experiências que tiveram em algum momento de sua vida, e que se tornou significativo ou lhe flertou, trazendo um potencial de implicação em sua formação ao longo da sua existencialidade e convivialidade estabelecida em diferentes lugares e com variados sujeitos. Assim, “[...] a narrativa escrita dá testemunho, implícita ou explicitamente, de um impacto formador dessa pluralidade de contextos culturais como traços de nossas pertencas de fato ou eletivas, que nos permitem identificar-nos tanto na aceitação como na recusa” (Josso, 2010, p. 220).

Ao embasar suas reflexões acerca dos percursos trilhados em sua formação inicial, a aprendizagem do curso foi narrada por uma estudante do 1º período de Pedagogia, como uma dimensão relevante e que tem contribuído em sua formação profissional: “*A pedagogia ela não é neutra e sim voltada a valores importantes, onde é um grande conjunto de saberes em nosso meio de aprendizagem*” (Narrativa do Memorial de Carmeana, 1º Período, 02/03/2018).

É possível perceber que a narrativa do *Memorial de Formação* expressa pela acadêmica *Carmeana*, tem uma dimensão de reflexão pelo tempo presente que está vivenciando e experienciando atualmente, pelo fato também de que se vê implicada num contexto de início de um curso superior, já que se encontra no 1º período do curso, e que tem se configurado como um “divisor de águas” em sua vida, conforme em outras conversas e registros de seu *memorial* que também evidenciou essas características, e que é corroborada com sua narrativa, trazida nesse fragmento acima. Aspecto esse que pode ser reforçado, quando em outro momento de seu *memorial de formação* consegue ter outras percepções e aprendizagens de si, conforme pontua:

Professor... não sei se posso relatar aqui no diário narrativo o que aprendi durante todo o primeiro período. Mas preciso falar o que mais aprendi com todos vocês: não foi só pegar um livro na biblioteca, ler, falar e esquecer não.  
Aprendi a fazer,  
Aprendi a ser,  
Aprendi a conviver (Narrativa do Memorial de Carmeana, 1º Período, 22/06/2018).

Dessa forma, os *Memoriais de Formação* permitem sempre novas aprendizagens como leitura e prática avaliativa, ou melhor corroborando com Erbs, Abrahão (2012, p. 213) “[...] com a produção dos memoriais temos a possibilidade de conhecer, compreender, analisar, mas principalmente, temos a oportunidade de sensibilizar, emocionar e crescer em cada depoimento”.

Quem narra sua experiência ou vivência, traz muito de si, de tudo aquilo que se tornou, das marcas importantes em seu percurso formativo, e que é acessado pelo sujeito, quando passa a pensar no seu passado, materializando-se por meio de sua escrita o que viveu, sentiu ou que está se lembrando no tempo presente, ao escrever seu *memorial* durante o curso de Pedagogia.

O processo de exercitar a memória tem seus ganhos e representa um recurso potencial e privilegiado de formação humana, na tessitura de subjetividades porque representa uma marca singular expressando experiências do que vive cada um(a), e de construção de significados relevantes na vida e aprendizagem do sujeito, além de atestar-se como capacidade de uma história no tempo no processo de rememoração praticado. Assim, concordo com Ricoeur (2007, p.241) ao assinalar que “o ato de fazer memória: ele também tem sua ambição, sua reivindicação, sua pretensão: a de representar o passado com fidelidade”. Razão pela qual se torna um processo consciente de (trans)formação, e que tem cruciais contributos no contexto da formação de professores(as), na configuração de figuras renovadas de si, guiando projetos de vida e abrindo mão de acontecimentos não relevantes galgados por cada sujeito.

Cabe, portanto, uma reflexão do potencial com que se configura a narrativa na tomada de consciência e reflexão do sujeito, ou seja:

Narrativas propiciam e criam espaço para “momentos pedagógicos” nos quais as pessoas podem se conectar consigo mesmas, umas com as outras, com suas próprias cultura e tradição com suas esperanças e aspirações e, em última instância, com uma construção de conhecimento intencional e orientada, que serve a suas trajetórias pessoais e públicas (Goodson, 2019, p. 114).

O nível de profundidade com que acessam os(as) estudantes ao narrarem o que mais lhe tocam e parecem significativos em sua vida, experiência e formação, foi um aspecto que me colocou numa situação ainda não estabelecida com eles(elas): no conhecimento de suas histórias de vida, de aspectos pessoais e dos níveis de compreensão, crítica, gostos e representações sobre si e sobre os(as) outros(as) que os(as) cercam. Foi também, um momento de formação e reflexão que tive como professor-pesquisador-narrador e formador de professores(as) e trouxe uma riqueza e potencialidade

inestimável no processo avaliativo e na compreensão dos processos relacionais e das vivências e experiências que estavam sendo tecidas entre eles(elas) e eu, e vice-versa.

Outro aspecto importante, refere-se à percepção das contribuições do *Memorial* na formação do(a) estudante que consegue perceber e refletir o que o mesmo pode trazer de aprendizagens e outras tantas possibilidades formadoras no seu percurso formativo e que o(a) acompanhará profissionalmente. Segundo um dos estudantes, na apresentação do seu memorial no diário narrativo, enfatiza o seguinte:

Além do objetivo de alcançar a nota desejada, o diário proporciona um acompanhamento mais sistemático em relação aquilo que é ensinado em sala de aula pelo professor e aquilo que é aprendido pelo aluno.

Um dos benefícios do diário é trazer o retorno registrado daquilo que o acadêmico está verdadeiramente aprendendo em sala de aula transformando o registro dessas informações em maiores motivos para aprender mais ainda (Narrativa do Memorial de Marcos, 6º Período, 08/02/2017).

Essa narrativa tem uma riqueza de implicação, quando consigo perceber que o acadêmico conseguiu se desenvolver na própria compreensão e entendimento do que é um *Memorial de Formação*, que ele escreve narrativamente em seu diário, e que se vê nesse processo como constituído de aprendizagens e conhecimentos que estão sendo mediados e dialogados no curso superior, e na disciplina que está cursando, que foi proposto esse dispositivo metodológico.

Considero ainda, potencialmente transformador, a reflexão que o sujeito tem durante seu processo formativo, quando se percebe diante do que está vivendo e tendo suas experiências, passando a narrar o que está aprendendo ou conseguindo captar de saberes, aprendizagens e conhecimentos com quem estabelece relações, ou dos múltiplos locais onde transita, seja na academia ou em outros diversos contextos formativos.

Diante desse cenário, é possível perceber, que na narrativa há uma tomada de consciência configurando-se como um processo autorreflexivo os quais balizam um percurso-formação através de uma atividade retrospectiva e prospectiva no decurso da história do sujeito (Josso, 2010).

É notório ainda pensar que “[...] escrever sobre si, é um recurso privilegiado de tomada de consciência de si mesmo, pois permite ‘atingir um grau de elaboração lógica e de reflexividade’, de forma mais acabada do que na expressão oral” (Catani et al, 2003, p. 42).

Nesse sentido, a escrita narrativa no *Memorial de Formação* representa um modelo tangível de compreender e apreender significados atribuídos pelos sujeitos que são os(as) narradores(as), autores(as) e protagonistas de suas próprias histórias formativas. Histórias essas que formam e contribuem na construção de outros referenciais formativos, na tessitura de conhecimentos e na aprendizagem permanente de si, do outro, do mundo e dos acontecimentos por si trilhados, com diferentes intensidades, desejos, alcances e transformações.



## Tessituras de aprendizagens que ficam: algumas considerações

Os *Memoriais de Formação* representam um dispositivo metodológico privilegiado nos quais emergem processos de formação e autoformação para os(as) estudantes dos cursos de licenciaturas e para os(as) formadores(as) de professores(as), servindo ainda como dispositivos metodológicos de ensino, de pesquisa, e de desenvolvimento profissional, potencializando as práticas avaliativas no Ensino Superior.

Vale ressaltar que os *Memoriais de Formação* dos sujeitos no processo de formação profissional, dá legitimidade ao saber produzido, a partir das experiências narradas pelos(as) acadêmicos(as) do Ensino Superior, e avaliada, compreendida e refletida pelo(a) professor(a) formador(a) no que diz respeito, mais especificamente, as implicações formativas como potencial de autoformação para o próprio sujeito que narra as suas histórias e percursos de experiências e vivências, se tornando uma vida de mão dupla entre/com os(as) formadores(as) de professores(as) e para os(as) que estão dialogando com estes(as) no desenvolvimento da aprendizagem narrativa dos sujeitos, no caso, os(as) acadêmicos(as) de Pedagogia, por meio das disciplinas ministradas através dos conteúdos e das várias vivências/experiências tecidas nesse processo.

Para além de dispositivos regulatórios, padronizados e estanques utilizados na avaliação da aprendizagem dos(as) estudantes do Ensino Superior, acredito ser o *Memorial de Formação* como um potencial dispositivo disparador de histórias, memórias, aprendizagens e formação que resgatem o lado pessoal, acadêmico e formativo do sujeito em vários níveis de conhecimento de si, dos contextos e das pessoas que o cercam, possibilitando processos pedagógicos, reflexivos e emancipatórios.

Os *Memoriais de Formação*, em suma, permitiram, entre tantas outras questões: a) compreender como se davam os processos de construção do conhecimento do(a) acadêmico(a) no processo formativo; b) identificar por meio de quais lógicas os(as) mesmos(as) conseguiram aprender; c) saber quais os contextos formativos foram sendo trilhados pelos sujeitos em suas vivências e experiências tecidas com diferentes pessoas em diferentes espaços/tempos; e, d) conhecer suas histórias de vida, e o que permitiram a escolha do curso de Pedagogia como vida e profissão.

Características essas relevantes na formação docente, e outras tantas que podem emergir pelo processo de narrar, que são potencialmente significativas no contexto da avaliação da aprendizagem na Educação Superior, e não somente nisso, mas, também para refletir como formador de professores(as), o que tinha maior relevância, e marcas na aprendizagem e construção do conhecimentos pelos(as) acadêmicos(as) em sua caminhada formativa, e me perceber como pessoa e profissional durante a minha trajetória tecida naquele espaço/tempo de formação, e diante das lógicas institucionais que deveriam seguir, bem como outras tantas reflexões que me faziam perceber o meu desenvolvimento pessoal e profissional, sinalizando, portanto, um processo de autoformação que é uma dimensão fundamental na vida, formação e profissão docente, sobretudo, na condição de professor formador na docência universitária.

Que experiências narrativas e (auto)biográficas possam ser cada vez mais valorizadas e

---

propiciadas no processo de formação docente, mediatizada pelo gênero do memorial acadêmico e outras tantas formas de registros da formação pelas escritas de si.

## Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. n.23, Rio de Janeiro, Maio/Agosto. 2003. p.62-74. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?lang=pt> . Acesso em: 24 fev. 2024.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>. Acesso em: 25 fev. 2024.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. P.65-81.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto)biográficas. **Linhas críticas**, v. 29, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/47919/38365>. Acesso em: 24 fev. 2024.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In.: PASSEGGI, M. da C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. de (Orgs.) **Pesquisa (auto)biográfica**: narrativas de si e formação. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1.ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CATANI, Denice Bárbara et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In.: CATANI, et al (Orgs). **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. 4.ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

ERBS, Rita Tatiana Cardoso; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a escrita e a escuta no início do curso de Pedagogia. In.: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica em rede**. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Transformações das figuras de si e do outro na mediação biográfica. **Revista linhas críticas**, v. 29, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/48135/38465>. Acesso em: 25 fev. 2024.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In.: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ZABALZA, Miguel A. **Diário de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Recebido 26 de fevereiro de 2024**  
**Aprovado em 25 de março de 2024**

---